

Música

Parte de projeto iniciado há 10 anos, álbum “Triste Entrópico” já está disponível nas plataformas de streaming

Makely Ka encerra trilogia

ALEX BESSAS

Lançado neste ano, “Triste Entrópico” não é apenas um álbum denso, que explora tanto camadas e texturas instrumentais quanto recursos linguísticos e intertextualidades. É também a coroação de um ciclo iniciado há 10 anos por seu criador, Makely Ka, músico piauiense radicado em Minas há um bom tempo.

“Foi um percurso de fato”, estabelece o artista, lembrando que o novo disco é mais uma reverberação de uma viagem realizada por ele em 2012, quando percorreu, em uma bicicleta, cerca de 1.680 km, sobretudo nas regiões Norte e Noroeste de Minas Gerais, chegando também à Bahia – no rastro das pegadas fictícias de Riobaldo, personagem central de “Grande Sertão: Veredas”, obra fundamental de Guimarães Rosa.

“Essa travessia implicou diversos desdobramentos no meu trabalho e na minha vida”, reconhece, citando este “Triste Entrópico”, que encerra uma trilogia iniciada em 2014 com o disco “Cavalo Motor”. Entre um e outro, o músico concebeu também “Rio Aberto”, um trabalho instrumental lançado em 2021, que explora o próprio virtuosismo

como violeiro. E não foi só.

“Inicialmente, o material que recolhi nessa viagem de três meses ia ser usado em um projeto só. Mas aquela foi uma experiência tão forte que acabou sendo inspiração para esses três registros fonográficos, mais um livro, vários artigos, exposição fotográfica e um documentário”, descreve, acrescentando que, ao longo da última década, voltou praticamente todos os anos a alguns daqueles destinos. “Eu conheci pessoas, fiz amigos e acabei me envolvendo com essa região do Norte e Noroeste mineiro”, aponta.

CAMADAS. Makely classifica “Triste Entrópico” como seu trabalho mais arrojado, com muitas camadas de som e de sentido, mas sem perder o pé no chão. “Eu costumo dizer que são três camadas de arranjos, começando pelos instrumentos de base – dois violões, percussão e contrabaixo –, depois os naipes de metais ou cordas e, por fim, as paisagens sonoras”, explica. “Já as letras têm muitas intertextualidades e citam outras obras da música brasileira, algumas mais conhecidas, outras menos”, aponta.

O trabalho, claro, conversa também com os projetos que o sucederam. “Enfim,



DANIEL KERSYS/DIVULGAÇÃO

Produzido durante a pandemia, disco aborda questões que estiveram em relevo no período, como a destruição da natureza

ele acaba sendo um resultado deles. Em comum com o primeiro, tem o fato de ser também um disco de canção. Com o segundo, a relação está nessa elaboração instrumental, do ponto de vista harmônico e melódico”, assinala.

PARCERIAS. Ainda que esteja mais especificamente ligado a esse ciclo iniciado há dez anos, Makely Ka reflete como “Triste Entrópico” se relaciona e é resultado, de maneira mais ampla, de seus 20 anos de carreira na música.

“Os meus parceiros sempre me influenciaram muito e, de alguma maneira, isso aparece agora”, examina, lembrando de trocas que teve desde o início de sua trajetória artística, como com Kristoff Silva e Pablo Castro – os três estiveram juntos em “A outra cidade”, em 2003. “Depois disso, tive muitos outros parceiros que acabaram me influenciando muito também, porque sou autodidata, mas, quando componho com alguém, absorvo muito da musicalidade dessa pessoa. Caso do Chico Saraiva, que é um superviolonista com quem já trabalhei; do Guinga, um parceiro recente que mudou minha forma de tocar violão; ou do Lô Borges, uma figura do Clube da Esquina

com quem já tive o prazer de gravar um álbum. O Tabajara Belo e o Gustavo Souza, que estão nesse disco, são outros exemplos”, aponta.

MANIFESTOS. Produzido durante a pandemia da Covid-19, “Triste Entrópico” aborda uma série de questões que estiveram em relevo nesse período, que, no disco, ganham uma roupagem polifônica, evitando que as letras soem datadas.

“A primeira música, ‘Vento Vivo’, inclusive, é uma referência ao ar, pensando ao mesmo tempo em tanta gente que morreu sufocada nessa época quanto nessa analogia de que, quem está enclausurado, precisa de ar. É uma música que veio como uma epifania quando eu e a minha mulher, que é bailarina, estávamos presos em um apartamento (durante a fase mais grave da emergência sanitária)”, explica, ponderando que o sufocamento segue funcionando como uma boa metáfora para outros tantos temas contemporâneos, como o aquecimento global.

Já na faixa “Ex-Extintos”, Makely saúda etnias indígenas que viveram no território onde, hoje, se localiza o Estado de Minas Gerais.

Teatro. Espetáculo vencedor do festival de Cenas Curtas ganha o palco do Galpão Cine Horto a partir de hoje

Cena reflete experiência de pessoas surdas e ouvintes negras

DA REDAÇÃO

“Corpo, Preto, Surdo: Nós Estamos Aqui”. Este é o nome da cena-espetáculo vencedora do Festival Cenas Curtas de 2023 do Galpão Cine Horto. O projeto, que foca na representatividade e na resistência, aborda a experiência de pessoas surdas e ouvintes negras e traz à tona questões essenciais de inclusão e diversidade nas artes.

A cena vai ser apresentada a partir de hoje e fica em cartaz até o outro domingo (11/8), sempre de sexta a domingo, às 20h. Os ingressos custam R\$ 30 (inteira) e R\$ 15 (meia) e estão à venda na

bilheteria do Galpão Cine Horto e também na plataforma Sympla.

Dirigido por Carlandreia Ribeiro e com texto escrito por ela em parceria com Marcos Andrade, “Corpo, Preto, Surdo: Nós Estamos Aqui” mescla performance física, língua de sinais e outros recursos cênicos.

Os atores Jaqueline Gonçalves e Marcos Andrade dão vida às narrativas que buscam ampliar a visibilidade e a compreensão das histórias e lutas das pessoas surdas e ouvintes negras. A cenografia de Jacko Nascimento e o figurino de Ander-

son Ferreira complementam a experiência visual, enquanto a iluminação de Veeç Santos e a coreografia de Marcos Andrade intensificam a performance.



PEDRO LANNA/VULGAÇÃO